

Ele coçou o queixo, pensativo. — Putz, já vi tanta coisa que nem lembro mais. Enfim, em breve alguém ia acabar morrendo primeiro. Mal terminou o pensamento, um assobio cortou o ar — uma flecha atingiu o braço do guerreiro musculoso. Todos viraram o rosto, seguindo a trajetória da flecha até avistarem, lá em cima, um pequeno goblin verde com um aljava nas costas, equilibrado no galho de uma árvore, já puxando o arco para um segundo disparo. O clima amigável se esvaiu num instante. Gritos ecoaram por todos os lados. — Inimigos! — São goblins! — Aaah, meu braço! Armas foram desembainhadas num ritmo frenético, mas risadas agudas e estridentes já vinham da floresta ao redor. De repente, uma horda de goblins surgiu de todos os lados, brandindo porretes, facas e machados, urrando enquanto avançavam. — Tem muito mais do que o previsto! A informação estava errada! — Não fique aí parado! Me dê a proteção mágica, agora! — O frasco de poção caiu no chão! Aro suspirou. Era exatamente como ele imaginara. Virou-se e gritou: — Zéxia! Inimigos à vista! — Quando pedir algo a esta rainha, use o tratamento adequado! — Zéxia fechou o livro com um estalo e soltou um grunhido. Uma aura de poder mágico explodiu ao seu redor, faíscas elétricas dançando em volta dela. Seus cabelos prateados voaram ao vento, e suas pupilas douradas brilharam com um tom azulado. No momento em que os goblins se lançaram em massa, um trovão devastador varreu a área, acompanhado por um rugido que lembrava o de um dragão. A luz intensa ofuscou a todos, obrigando-os a se jogarem no chão. Os gritos dos goblins se perderam no mar de relâmpagos. Quando a claridade finalmente se dissipou, o que restou foi um raio de centenas de metros de terra carbonizada. Árvores negras ardia, e corpos de goblins jaziam reduzidos a carvão. Todos olharam para a figura de cabelos prateados, boquiabertos. Zéxia sacudiu os fios, e as faíscas em seus dedos se apagaram lentamente. Aro assobiou, impressionado. — Zéxia, você é demais. Aqui, um agrado para você. Ele estendeu um saquinho de biscoitos. — Hmph. Finalmente age com educação. — Ela pegou um e mastigou, mas logo franziu a testa. Aquilo parecia... um agrado que se daria a um cachorro obediente. Os membros do grupo de aventureiros trocaram olhares e, num instante, se posicionaram atrás deles, deixando-os na linha de frente. — Viu? Eu disse que desta vez a gente só precisaria acompanhar — cochichou alguém. O grupo seguiu em direção ao covil. Dali em diante, nenhum goblin apareceu. Logo chegaram à entrada da caverna, escura, úmida e fedendo a mofo e podridão. — Cuidado. O covil deve ter armadilhas e é fácil se perder. Não se afastem. — Está tão escuro... E não tem um goblin sequer. Será que é outra emboscada? — Relaxa! Você não vê que a semidragão está na frente? Só fica quieto e deixa ela resolver. — Ter um veterano no grupo faz toda a diferença. Só coletar os espólios depois. Os murmúrios continuaram até Zéxia revirar os olhos. — Que bando de barulhentos. — Devia ter acabado com todos eles logo de uma vez. — Calma, Zéxia. Vamos lidar com o Rei Goblin primeiro. Aro segurava uma pedra luminescente enquanto conferia o mapa do covil fornecido pela Guilda dos Aventureiros. — Algumas áreas não batem... Melhor capturar um goblin para interrogatório. Mas desde o ataque, nenhum goblin aparecera — provavelmente fugiram todos. Enquanto isso, mais adiante, um morcego recuou silenciosamente e voou de volta para uma câmara interna, ofegante. — Eles... estão chegando. A semidragão está com eles! Os goblins presentes baixaram a cabeça, desanimados. — Droga! Por que o plano não está funcionando? Era pra a gente matar os aventureiros e só deixar as mulheres para... você sabe! — Quem diria que uma semidragão apareceria? Por que ela está aqui?! — E agora? Eu só queria uma loira peituda pra mim! O clima na sala era de total desespero. — Temos uma solução, Bobô. Um goblin musculoso se levantou e se aproximou do morcego. — Você vai distrair a semidragão. Leve-a para fora do covil, e nós cuidamos do resto. — Eu?! — O morcego arregalou os olhos. — Você quer que eu enfrente uma semidragão? Sério?! — Não é pra lutar! Só atrair e despistar. Você é o mais rápido de todos. Ela não vai te alcançar. — Faça isso por nós. E deixaremos o humano mais gordo para você. Sob o olhar suplicante dos outros goblins, o morcego cerrou os dentes e assentiu com gravidade. O grupo de aventureiros seguia adiante quando, de repente, uma sombra escura surgiu à frente. Era um morcego de mais de um metro de envergadura, que pairou no ar por um instante antes de disparar como uma flecha, deixando para trás apenas um insulto que ecoou pelas paredes da caverna: — Ei, lagartixa branca! Quando sua mãe te pariu, ela te puxou pelos chifres pra te arrancar da bunda, foi?! Capítulo 35: O Caçador de Goblins — Ei, lagartixa branca! Quando sua mãe

te pariu, ela te puxou pelos chifres pra te arrancar da bunda, foi?! Antes que qualquer um pudesse reagir, o morcego já havia sumido, deixando apenas o eco da provocação no ar. Todos ficaram parados, olhando para Zéxia. A dragão prateada arregalou os olhos, estupefata, até que uma fúria incontrolável tomou conta de seu rosto delicado. Alor ouviu o som de seus dedos se apertando até estalar.— Pela mãe das dragões, eu vou enfiar sua cabeça no seu rabo! — Zéxia gritou, abrindo as asas e partindo em perseguição.— Espera! Zéxia! Pode ser uma armadilha! — Alor tentou segurá-la, mas já era tarde. A dragão disparou como uma flecha, sumindo na escuridão da caverna.— Droga! — Alor cerrou os dentes, guardou o mapa e saiu atrás. O resto do grupo de aventureiros ficou para trás, trocando olhares confusos.— A líder do grupo saiu. Ainda vamos continuar a missão? — alguém perguntou.— Claro que vamos! — Chárles deu um passo à frente, inflamado. — A jovem dragão é poderosa, mas ainda é uma garota. Não podemos deixar todo o peso nas costas dela. Além disso, já chegamos até aqui! O vilarejo ainda sofre, esperando nosso resgate! Ele ergueu o punho, exaltado.— Avante! Vamos salvá-los e conquistar nossa glória! Vamos— THUD Um golpe seco na nuca o derrubou no chão, desmaiado. Todos olharam para trás, onde pares de olhos amarelos brilhavam na escuridão. O morcego batia as asas freneticamente, ziguezagueando pelos túneis labirínticos do covil, até chegar a uma área tão confusa que até ele se perdia. De repente, um pressentimento mortal. Ao virar, viu a dragão se aproximando rapidamente.— Eek! — Ele forçou as asas ao máximo, mas uma pressão invisível o esmagou, como se carregasse sacos de areia. [Pressão de Dragão!] O corpo congelou de medo. A criatura branca se aproximava. Com um último esforço, ele se jogou numa fenda estreita. Caiu no chão, mas a pressão sumiu. Ele riu, ofegante.— Heh... dragão ou não, não é tão— BOOM A fenda explodiu em pedras. O morcego foi arremessado contra a parede, e Zéxia surgiu entre os escombros.— PELA MÃE DAS DRAGÕES, EU VOU TE CALAR! Um golpe de cauda o atingiu como um chicote, arremessando-o como um trapo. Zéxia pousou ao lado, pronta para xingar mais— mas o morcego já estava morto.— Tsc. Fraco. — Um raio reduziu o cadáver a cinzas. Ao se virar, porém, Zéxia encarou os túneis silenciosos. O caminho de volta estava destruído. Ela tinha seguido o morcego sem prestar atenção.— Só preciso seguir o cheiro do Alor... Mas seu nariz franziu. Um odor estranho impregnava a caverna, mascarando todos os outros.— Que seja. Se não tem caminho, eu faço um! Eletricidade pulsou em suas mãos. BOOM A parede à frente virou pó. Zéxia avançou. BOOM Outra parede caiu. E assim foi, demolindo tudo no caminho.